

Cultura underground amazonense

Amazon underground culture

Márcio Augusto Silva de Souza

Universidade do Estado do Amazonas - UEA
masds.mic23@uea.edu.br

Yomarley Lopes Holanda

Universidade do Estado do Amazonas - UEA
yholanda@uea.edu.br

Resumo: A cultura underground é um ecossistema vibrante que prospera nas margens da sociedade, muitas vezes desafiando as normas e convenções do mainstream. Esta pesquisa explora o conceito de cena underground, suas características e significados dentro do contexto cultural e social apresentando obras do cenário underground no Amazonas. Abordaremos algumas produções na cena underground amazonense, Através da análise de literatura acadêmica, entrevistas e exemplos históricos, este estudo busca elencar a contribuição dessa cena para a diversidade cultural e a inovação artística.

Palavras-chave: Cultura Underground, Cena, Circuito, Amazonas

Abstract: Underground culture is a vibrant ecosystem that thrives on the margins of society, often challenging mainstream norms and conventions. This research explores the concept of underground scene, its characteristics and meanings within the cultural and social context, presenting works from the underground scene in Amazonas. We will address some productions in the Amazonian underground scene. Through the analysis of academic literature, interviews and historical examples, this study seeks to list the contribution of this scene to cultural diversity and artistic innovation.

Keywords: Underground Culture, Scene, Circuit, Amazonas

O rock em Manaus

As obras musicais são uma parte integrante do movimento underground. Os fanzines, por exemplo, são um canal diferente por onde esta cultura urbana encontra possibilidade de expressão. A grosso modo, são revistas não tradicionais produzidas de forma independente a partir de recortes, assim como os desenhos, os artesanatos, as formas de se vestir seus simbolismos e significados, e a própria organização dos eventos.

Surgia, em 1961, o primeiro programa dedicado ao rock no Amazonas, —Chegou a hora do rock, apresentado por Joaquim Marinho, veiculado diariamente, às 16h, logo após o —Teatrinho infantil de Alfredo FernandesII. O programa logo virou sucesso. Era a primeira vez, por exemplo, que se tocava Elvis Presley e Bill Haley para o grande público em Manaus. Segundo Valentim, foi a época em que os jovens em Manaus começaram a formar pequenas bandas roqueiras (Menezes, 2011, p.33).

As produções culturais independentes, como bandas de rock, festivais e mobilizações sociais, encontram nos zines uma ferramenta poderosa de comunicação com seu público. No campo da música, bandas underground frequentemente usam zines para divulgar suas músicas, compartilhar letras e conectar-se com sua base de fãs. Festivais independentes muitas vezes contam com zines para promover seus eventos e criar uma comunidade em torno da música, da arte e da contracultura. Além disso, mobilizações sociais encontram nos zines uma forma de disseminar informações, mobilizar apoiadores e amplificar suas demandas. Autores como Ricardo Teperman, em “Rock, Jornalismo e Poder no Brasil”, analisam como o rock brasileiro e outras manifestações culturais se tornaram formas de resistência e expressão política, muitas vezes articuladas através de zines e outras mídias alternativas. O rock, por sua vez, é uma mistura incomum até então na música mundial, para Guimarães (2013) musicalidade negra e musicalidade branca através da fusão do rhythm & blues/Jazz e do country & western.

Em Manaus, a partir de meados da década de 1960, o surgimento de grupos, e nomes na música local foram influenciados pelo contexto midiático e de produção da música popular acima referido, tal como podemos observar no relato do compositor amazonense Aníbal Beça, em entrevista concedida em 2006: Tudo começou em 1965, claro que antes de 63 a gente já fazia reuniões e tal, mas em 65 a gente tava organizado mesmo pra essa coisa, l?. E exatamente 66, 67 começam a eclodir os Festivais em São Paulo, TV Record, no Rio de Janeiro também, e aí como eu viajava todos os anos ao Rio, trazia as novidades do que tava acontecendo pra cá, então no início nós éramos reprodutores, l, cover do que se fazia lá e aí nós resolvemos fazer as nossas próprias músicas, já sabendo da história dos festivais, das composições e tal. (Menezes, 2011, p. 23-24).

Os álbuns das bandas Espantalho, Zona Tribal, e Renegados pelo Sistema tem seu recorte de 2001 a 2022 com intervalos de tempo de uma média de 3 a 4 anos



Arte: Paulo Gersino

entres os discos, são produções iniciais do cenário musical underground. No ano de 2023 inclusive sendo realizado vinte anos depois o festival no qual estas bandas são lançadas o Festival Além da Fronteira confirmando sua representatividade cultural.

Figura 1: CD Zona Tribal



Fonte: baratosafins.com

Figura 2: Renegados pelo Sistema



Fonte: Soundcloud.com

Figura 3: Banda Espantalho



Fonte: musica.Apple.com

Fanzines

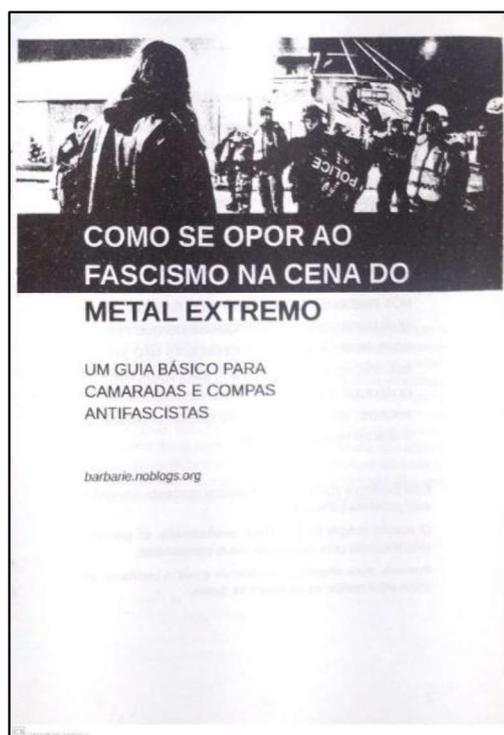
A cultura underground continua a desempenhar um papel vital na paisagem cultural global, desafiando as normas e inspirando a inovação. Seja através dos zines ou de outras produções independentes, esse mundo alternativo oferece um espaço vital para a expressão individual e a experimentação criativa. Ao reconhecer e valorizar essas formas de cultura, enriquecemos nosso entendimento do mundo ao nosso redor e celebramos a diversidade de vozes que o habitam.

Os Zine são publicações abordam uma ampla gama de tópicos, desde política e arte até música e subculturas específicas. Sua produção descentralizada permite que indivíduos compartilhem suas perspectivas de forma autêntica, muitas vezes escapando do escrutínio e da censura das grandes editoras. A estética DIY (Do It Yourself) dos zines não apenas reflete uma abordagem prática à criação, mas também reforça a ideia de que qualquer pessoa pode participar na produção cultural.

Nos meandros da cultura underground, os zines emergem como uma forma de expressão autêntica e descentralizada, oferecendo uma plataforma para vozes marginalizadas e produções culturais independentes. Este artigo explora a cultura dos zines e como eles se entrelaçam com outras manifestações típicas do meio underground, como bandas de rock, festivais e mobilizações sociais. Serão utilizadas

referências bibliográficas de autores brasileiros para contextualizar essa discussão no cenário nacional.

Figura 4: Fanzine de Barbarie.noblogs



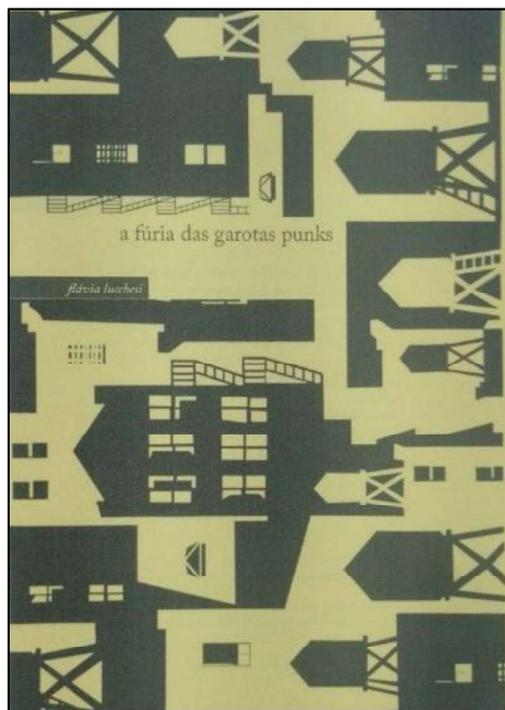
Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

O zine em questão traz à tona um problema inegável e urgente dentro da cena extrema, especialmente no black metal: a exclusão e a hostilidade enfrentadas por pessoas não brancas e LGBTQIA+. Apesar do desejo de muitas dessas pessoas de participarem ativamente da cena, a presença constante de racistas em shows e festivais cria um ambiente onde segurança e pertencimento se tornam inatingíveis. O próprio surgimento do NSBM (National Socialist Black Metal) como um subgênero autônomo evidencia o quão enraizado o problema está.

O zine propõe, então, uma reflexão e um chamado à ação contra essa normalização do preconceito, defendendo que o metal deve ser um espaço aberto a todos – exceto para aqueles que perpetuam discursos de ódio. A ideia do boicote é apresentada como uma ferramenta revolucionária para enfraquecer essas ideologias, cabendo a nós descobrir as formas mais eficazes de aplicá-la. Mais do que um

panfleto, este material é um grito de resistência dentro de uma cena que precisa, urgentemente, encarar seus próprios demônios.

Figura 5: Fanzine de Flávia Lucchesi



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Em meados de 1990, algumas jovens *punks*, esgotadas com uma conduta machista preponderante em meio ao *punk*, começaram a inventar maneiras de resistir e enfrentar estas condutas. As práticas instauradas por essas garotas produziram o que veio a ser conhecido como o movimento riot grrrl. Diante do estupro e das violências exercidas sobre os corpos de meninas e mulheres, por meio do “girl Power”, lidaram com mudanças de atitude para melhorar a segurança e bem estar das garotas em circuitos *underground* e com liberdade sexual. No entanto, no interior da sociedade de controle, são percebidas rápidas rupturas e, ainda, metamorfoses do riot grrrl, movimento *underground* esse entendido aqui com auxílio do conceito de máquina de guerra de Deleuze e Guatarri (1995). Este zine pretende analisar estas capturas e a produção de novas linhas de fuga do riot grrrl.

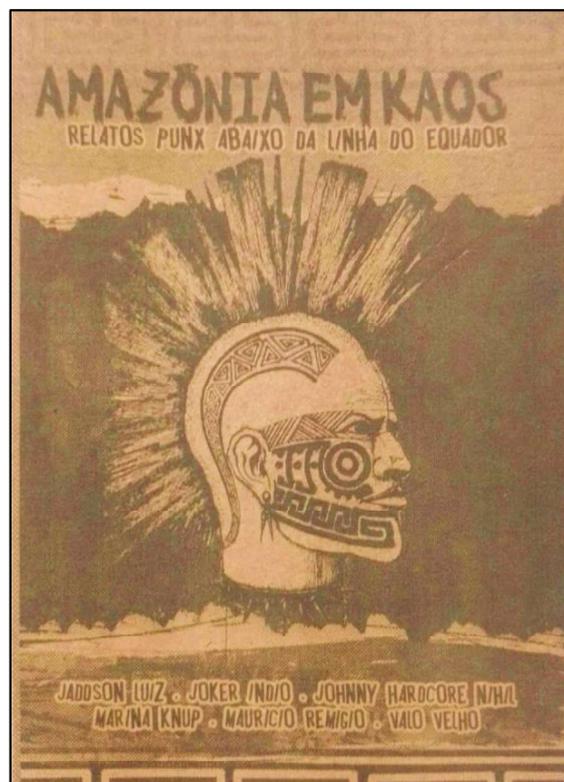
Figura 6: Fanzine de Coletivo Contra-Mão Musical



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Zine que o ilustre Zé Júlio faz de forma alternativa, no interior do Piauí, aos moldes da cultura *underground* e vende a preço de custo para realizar o próximo. É um Zine feito a mão, artesanalmente, pelo próprio Zé Júlio. Ele aborda variados assuntos, dando ênfase a arte musical alternativa e a literatura. Além das bandas também divulga escritores que enviam suas obras para que ele possa apresentar ao público do zine e fazer os comentários. É um meio de divulgação de bandas, músicos e escritores/poetas autorais que não tem oportunidade de acessar a grande mídia, mas que mostra o seu trabalho com qualidade, persistência e resistência.

Figura 8: Livro/Fanzine Amazônia em Kaos



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2024

Este zine/livro chamado “AMAZÔNIA EM KAOS” é resultado de um esforço coletivo. Os autores também são os organizadores do livro e participantes/organizadores do Encontro Nacional *Punk* Amazônia em Kaos, realizado na cidade de Belém – PA, no ano de 2019, contando principalmente com representantes de Manaus. É um trabalho autogestionado com o intuito de fortalecer a cultura *punk* e de estabelecer novas estratégias de luta e vivências nos diversos estados brasileiros. Agrega pensamentos diversos, individuais e coletivos, coerentes com a cultura *punk* que preza pela liberdade e a mobilização em bando. Essa mobilização pode ser entendida como uma expressão do "devir revolucionário", um conceito discutido por Deleuze e Guattari (1972), que se refere a processos de transformação que escapam às formas tradicionais de organização e resistência, desafiando o status quo e buscando novas formas de existir e lutar.

“Não há mais uma manifestação contra uma cultura dominante, por isso, a contracultura dá lugar a essas culturas extremas, que nunca têm fim e vivem um devir

constante. Há uma revolução sem direção certa, sem ter o estado como protagonista adverso” (Hauch, 2015, p.152). Este trecho reflete a ideia de que, como Adorno (2002) observou, a cultura de massa e a indústria cultural tendem a assimilar e neutralizar movimentos de resistência, transformando-os em mercadorias, o que leva à necessidade de uma constante reinvenção da contracultura, como vemos no *punk*.

Durante o período de 19 a 22 de dezembro de 2019, foi sediado em Belém do Pará um encontro de *punks* com o intuito de fortalecer a cultura *punk*, bem como de estabelecer novas estratégias de luta e compartilhamento de vivências *punks* em vários estados brasileiros. Este movimento de resistência cultural reflete a "cultura híbrida" proposta por Néstor García Canclini (1990), onde culturas locais e globais se entrelaçam, criando novas formas de expressão e resistência que se adaptam às realidades específicas dos diversos contextos brasileiros.

A título de explicação, destaca-se que este encontro ocorre todo ano e, vale ressaltar, corresponde a uma mobilização de *punks hardcores* (HCs) geralmente ligados filosoficamente ao niilismo. No evento ocorrido em 2018, intitulado Dezembro Negro, ficou decidido que o encontro do ano seguinte, ou seja, o de 2019, ocorreria em Belém do Pará e que os organizadores teriam total autonomia para pensar o tema geral do evento. Desta forma, toda a mobilização empreendida pelos *punks* locais resolveu problematizar não só a realidade local da cultura *punk*, como também entender o processo histórico, político e cultural que estabeleceu a atual realidade da cultura *punk*.

A mobilização para pensar e realizar o evento partiu do coletivo composto por *punks* anarquistas e niilistas intitulado Tapuru *Punk*. Nesse sentido, o grupo em questão, integrado por Joker Índio, Ivan Barros e Jaddson, sem perder a autonomia, projetou os temas do evento no diálogo com os *punks* HCs através de um grupo no WhatsApp que agregava *punks* de várias regiões do Brasil. Esta dinâmica de auto-organização e cooperação entre diferentes grupos reflete o conceito de "organização espontânea" de Geertz (1973), onde a cultura é vista como um sistema de significados compartilhados que se desenvolve organicamente dentro de uma comunidade.

Também deve ser destacada a forte participação de *anarcopunks* tanto antes quanto durante a realização do evento. Houve dois lançamentos de livros de

anarcopunks, além da participação dos anarcopunks de Belém do Pará nos debates, na organização da infraestrutura do evento, no transporte dos materiais e nas Gigs. Como somente a banda Tapuru Punk estava completa, muitos punks HCs e anarcopunks se organizaram de forma improvisada e tocaram músicas autorais e clássicos de bandas anarcopunks e *hardcores*.

Contudo, o principal objetivo foi o de construir um evento que agregasse pensamentos plurais sem perder de vista a coerência dentro da cultura *punk*, e que fosse construído através do diálogo, e não de forma impositiva. Em resumo, nos quase quatro dias de mobilização *punk*, foram levados relatos individuais de vivências punks, abordagens temáticas urgentes para a cultura e pensadas as diferentes realidades do *punk* em outras regiões do país. E tudo isso sem perder de vista as conjunturas estruturais da sociedade brasileira e os efeitos nocivos do avanço fascista. Esta perspectiva crítica pode ser relacionada à análise de Marx (1867) sobre as estruturas de poder na sociedade e como elas moldam as condições de vida e de luta das classes subalternas.

A síntese dos debates empreendidos no decorrer do evento foi apresentada no decorrer deste texto, porém, ganhou espaço fundamental nos relatos individuais que compõem os capítulos deste livro. Como pode ser observado na verificação de cada zine apresentado, cada edição é feita através de pesquisa e empenho de coletivos ou indivíduos para fortalecer alguma vertente cultural ou social que interesse a determinado grupo. Vamos ter então zines que abordam o feminismo, zines que elucidam formas de combater o preconceito e fascismo que emergem em determinados momentos dentro de espaços culturais como *rock*, *punk rock*, *Black metal*, *heavy metal*... (estilo de música "Metal"); sobre educação e cultura libertária; sobre Anarquismo... etc. Muitos deles contam com traduções (feitas de forma voluntária) de artigos estrangeiros para deixar seus interlocutores mais inteirados sobre os assuntos e sobre outros indivíduos que compartilham suas ideias.

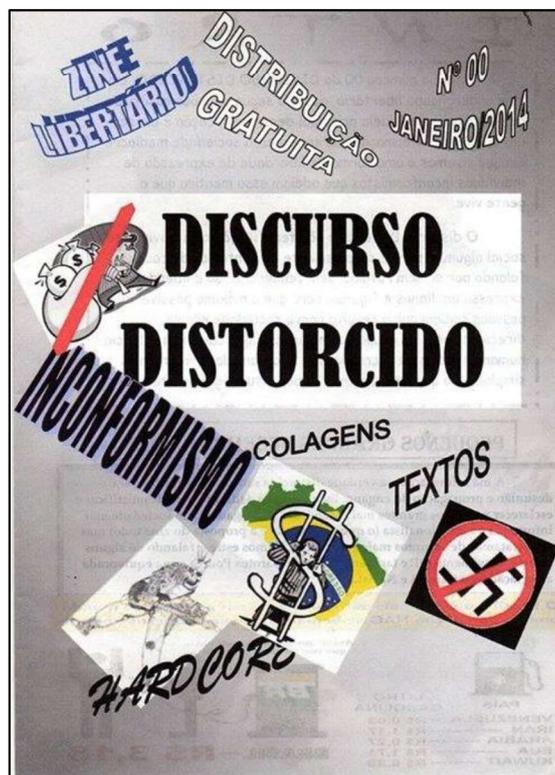
Figura 9: Fanzine de Sérgio Figueiredo



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2022

O FLY KINTAL ZINE existe desde 1995 com a missão de difundir as obras (musicais, literárias, shows...) do circuito *underground* brasileiro, com ênfase na região norte, na cidade de Manaus. Levando e trazendo informes de como e o que as cenas culturais estão produzindo, o editor Sérgio Figueiredo tece uma rede de informações que ligam as regiões do país.

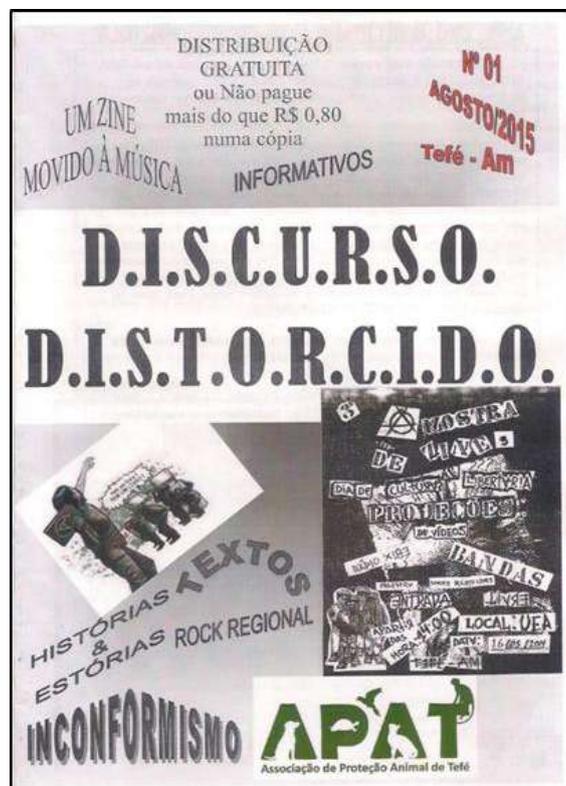
Figura 10: Fanzine de Márcio Augusto



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2014

Produção regional da cidade de Tefé, escrito em períodos de faculdade e com a intenção de servir de vitrine para o que são e como são as atividades artísticas que o *underground* produz serem conhecidas pela população tefeense. Edição número 00, 2014. Um zine *underground* libertário sobre música, movimentos sociais e eventos culturais, que não segue padrões estéticos nem linguísticos. A ideia principal dessa publicação era ela ser um veículo de comunicação e uma forma de liberdade de expressão de indivíduos inconformados com as mazelas da sociedade em que vivemos. Os textos eram feitos por mim e pelos representantes dos movimentos e eventos envolvidos no zine. Inspirado nas produções de zines *punks* da década de 80.

Figura 11: Fanzine de Márcio Augusto



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2015

Segunda edição do zine DISCURSO DISTORCIDO (edição 01, 2015), trazendo mais informações sobre a cena *underground*, eventos produzidos na cidade, artistas locais dando entrevistas e expondo atividades coletivas e associações comunitárias.

Considerações finais

A cena *underground* pode assim ser entendida como um conjunto de práticas culturais e sociais que ocorrem à margem das correntes dominantes, caracterizando-se pela resistência às normas estabelecidas e pela busca de alternativas de expressão e organização. “É neste terreno, de padronização resumindo-o em números, que surgem os primeiros indícios de uma contracultura nos Estados Unidos, também chamada inicialmente de movimento *underground*” (Guimarães, 2013, p.52). Algumas dessas práticas são as formas de arte, música e atividades sociais e culturais que resistem à comercialização e ao *mainstream*. “O termo cena musical, principalmente no decorrer das duas primeiras décadas do século XXI, vem

gradualmente adquirindo espaço no meio acadêmico, especialmente no contexto de discussões sobre música popular” (Müller, 2020, p.30).

Embora isso possa significar recursos limitados em comparação com projetos *mainstream*, também oferece uma liberdade criativa incomparável e uma conexão mais direta com o público. As músicas, os zines, e os movimentos sociais libertários são uma forma de expressão característica do *underground*, muitas vezes produzidos de forma totalmente independente e distribuídos em pequenas tiragens (quando se trata de zines, músicas, panfletagens, livros...). Um dos grandes exemplos a de produção cultural *underground* a ser explorado aqui são os zines ou fanzines. Originários das contraculturas dos anos 1930 e 1940, os zines ganharam destaque nas décadas de 1970 e 1980, fornecendo uma plataforma para vozes marginalizadas e ideias não convencionais. “O início dos anos 50 o começo da supremacia estadunidense sobre o globo. A pujança econômica impulsiona o mercado fonográfico começa a tomar forma um nicho de mercado especificamente jovem [...] passa a incentivar artistas brancos a gravarem canções originalmente negras” (Gatto, 2011, p.58).

Desse modo consideramos que a história da cena *underground* pode ser traçada através de diversos movimentos culturais ao longo do século XX. Exemplos notáveis incluem o movimento *punk* nos anos 1970, o hip-hop nos anos 1980 e a cultura rave nos anos 1990. “Um espaço plural de relações entre grupos e produções musicais variadas, girando em torno de um gênero musical [...] Straw aponta para a centralidade do consumo da música, e conseqüentemente, da relação destes atores com o mercado fonográfico” (Straw apud Müller, 2020, p. 31). Cada um desses movimentos surgiu como uma resposta às condições socioeconômicas e políticas de sua época, criando espaços para a inovação e a resistência cultural.

Referências

ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair e sair da Modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs. São Paulo: Editora34, 1995.

GATTO, Vinícius Delangelo Martins: Rock Progressivo e Punk Rock: Uma Análise Sociológica da Mudança da Vanguarda Estética do Campo do Rock. Dissertação de mestrado – Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, 2011.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

GUIMARÃES, Felipe Flávio Fonseca. Do surgimento do rock à sua difusão pelo mundo a apropriação do rock no Brasil através das versões de meados da década de 1950 a meados da década de 1960. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros -Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2013.

HAUCH, Fabíola. O fanzine e a leitura: a formação do autor-leitor no zinar. Universidade de passo Fundo. Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado Em Letras.2015.

MARX, Karl. O Capital, Volume 1. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo, 1996.

MENEZES. Mauro Augusto Dourado. Eu canto pra falar do Amazonas: narrativas musicais de uma geração de músicos de Manaus. Dissertação. Mestrado. História Universidade Federal do Amazonas. Manaus. 2011.

MULLER, Jackson Francisco da Conceição. As contribuições do conceito de cena musical para análise das dinâmicas culturais urbanas em Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.